

Associação de características individuais de discentes da área de negócios sobre educação financeira

Association of individual characteristics of students in the business area on financial education

Nathália Maria da Silva¹
Raniela Ricarte Freitas Sampaio²

RESUMO

Considerando o importante papel que a educação financeira vem assumindo na vida dos cidadãos diante das diversas variações econômicas que surgem com a globalização e a disponibilidade dos diferentes produtos financeiros existentes no mercado, este artigo teve por objetivo geral identificar as principais características e comportamentos financeiros dos discentes da área de negócios da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A pesquisa teve como amostra um total de 25 discentes dos cursos de Ciências contábeis, Administração e Economia onde foi aplicado um questionário online adaptado das pesquisas de Halpern (2003) onde são analisados os constructos educação financeira, gestão de crédito e gestão de ativos sendo feita uma análise descritiva dos resultados com auxílio de pesquisa bibliográfica. Dentre os principais achados verificou-se que 60% dos alunos são do sexo feminino, onde 56% tem idades entre 20 a 29 anos, identificando que 60% da amostra tiveram formação anterior em escola pública, informando um total de 72% que residem com familiares. De modo geral a pesquisa constatou um bom desempenho de práticas voltadas para a Educação financeira e gestão de crédito, contudo fica a desejar a gestão de ativos dos alunos, onde se observa que a busca por leitura dos acadêmicos é insuficiente e que influencia a utilização dos temas propostos, demonstrando não terem compromissos a pagar de curto e longo prazo e indicam um certo empasse quanto a aplicações financeiras, pois 60% da amostra afirmam ter capital para investimento.

Palavras chave: Educação Financeira. Gestão de crédito. Gestão de ativos.

ABSTRACT

Considering the important role that financial education has been assuming in the lives of citizens in the face of the various economic variations that arise with globalization and the availability of different financial products on the market, this article had the general objective of identifying the main financial characteristics and behaviors of students from the business area of the State University of Rio Grande do Norte. The research had as a sample a total of 25 students from Accounting, Administration and Economics courses, where an online questionnaire adapted from Halpern's research (2003) was applied, in which the financial education, credit management and asset management constructs are analyzed. a descriptive analysis of the results with the aid of bibliographic research. Among the main findings, it was found that 60% of the students are female, where 56% are between 20 and 29 years old, identifying that 60% of the sample had previous training in a public school, reporting a total of 72% who live with relatives. In general, the research found a good performance of practices

¹ Graduanda em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: nathaliamarca0603@gmail.com.

² Mestra em Administração pela Universidade Potiguar. Docente do curso de Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: ranielaricarte@uern.br.

aimed at financial education and credit management, however it is desirable to manage the students' assets, where it is observed that the search for reading by the academics is insufficient and that influences the use of the students. proposed themes, demonstrating no short and long-term commitments to be paid and indicate a certain stalemate in terms of financial investments, as 60% of the sample claim to have capital for investment.

Keywords: Financial education. Credit management. Asset Management.

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira é um tema que vem sendo bastante abordado diante das frequentes transformações que a economia vem passando e juntamente a isso vem a análise do comportamento das pessoas em relação ao seus ganhos e gastos, em que se faz necessário sua aplicação para formação de conhecimentos e habilidades voltadas para a gestão e planejamento das finanças.

Porém, no Brasil essa prática ainda não se consolidou, Sobrinho Neto (2019) relata o despreparo de conteúdo financeiro da base familiar seguido da falta de incentivo das escolas que são alicerces fundamentais para a formação de um indivíduo e que se traduz nos altos índices de endividamento da sociedade como mostra os dados do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) que em 2020 o número de inadimplentes no Brasil chegou a 62,83 milhões de pessoas, sendo o equivalente a 40,01% da população adulta do país.

É importante frisar a importância das instituições de ensino nesse processo, onde Silva, Silva e Vieira (2017) destacam a atuação da Administração Pública nessa inserção da educação financeira para a população e em resposta a isso o Governo Federal do Brasil em 2010 teve como iniciativa a criação do programa Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) instituído pelo Decreto Federal nº 7.397/2010, que tem por objetivo estimular medidas voltadas para aprendizagem da educação financeira e previdenciária no ensino fundamental e médio das escolas.

Entretanto, Felipe, Oliveira e Botinha (2016) concluem que no ensino superior, diante do grau de complexidade que o meio exige, seja tendenciosa essa prática, principalmente em cursos da área de negócios como Administração, Contabilidade e Economia e que Andrade e Lucena (2018) salientam a abordarem na grade curricular a temas relacionados a finanças, matemática financeira, análise de investimentos e outras, de modo que o presente trabalho chega ao seguinte questionamento: Quais as principais características individuais e comportamentos financeiros dos discentes dos cursos da área de negócios sobre educação financeira?

O objetivo da pesquisa é identificar as principais características individuais e comportamentos financeiros dos discentes da área de negócios sobre educação financeira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) do Campus Central dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração, expondo a propensão das principais decisões financeiras dos discentes onde Felipe, Oliveira e Botinha (2016) afirmam ser de grande importância para a preparação dos jovens no mundo das finanças, pois estes no futuro estarão à frente de famílias ou de alguma organização pública ou privada.

O presente trabalho se justifica para o contexto acadêmico na busca de evidenciar maior divulgação do estudo de educação financeira nos cursos de nível superior além de trazer novos dados sobre temática na unidade acadêmica citada, demonstrando também a sua importância no contexto social no auxílio ao indivíduo diante das decisões envolvidas.

O estudo foi realizado através de uma pesquisa de campo, onde se utilizou um questionário online com discentes dos cursos da área de negócios da Faculdade de Ciências Econômicas (FACEM) – UERN Campus Central e contou com a participação de 25

entrevistados, dos quais 21 são discentes de Ciências Contábeis, 3 de Administração e 1 de Economia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Nos dias atuais temos visto a vasta quantidade de produtos e serviços oferecidos pelas instituições financeiras e a facilidade na obtenção de concessão de crédito que somado a falta de conhecimento sobre seu uso obtêm-se números expressivos de endividamento no Brasil. Em pesquisa divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) mostrou que em fevereiro de 2021 ouve um aumento no percentual de famílias endividadas que apresentou um total de 66,7% onde em 2020 tinha-se o percentual de 65,1%, originados de cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, crédito consignado, empréstimo pessoal, prestação de carro e de casa.

Marques, Takamatsu e Avelino (2018) destacam que o grau de elevação do endividamento está intimamente ligado ao grau de conhecimentos quanto aos estudos sobre finanças e que Campos *et al.* (2015) complementam dizendo que através da educação financeira se tem maior desenvolvimento da economia de um país, de forma que a população se torna mais consciente das consequências de suas escolhas, tendo efeito nos níveis de endividamento, inadimplência e capacidade de investimento da nação.

É notório que a educação financeira é indispensável no processo de alfabetização financeira do brasileiro onde Andrade e Lucena (2018) destacam o momento da implantação do Plano Real em 1994 que possibilitou maior acesso ao crédito em uma população que não se tinha por costume destinar parte dos recursos para formação de reserva ou aplicação em investimentos e acrescentam que com o surgimento de novos produtos financeiros diante dos avanços tecnológicos seja de suma importância a sua inserção visto a complexidade que esses mecanismos exigem (FELIPE; OLIVEIRA; BOTINHA, 2016).

O Banco Central do Brasil (2013, p.7) diz que “a educação financeira é o meio de prover esses conhecimentos e informações sobre comportamentos básicos que contribuem para melhorar a qualidade de vida das pessoas e de suas comunidades”. Miranda, Leal e Araújo (2017) indiciam que a educação financeira possibilita aos usuários meios de expandir o potencial financeiro, maximizando seus ganhos e trazendo tranquilidade financeiramente, e de acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005) a educação financeira é:

O processo pelo qual consumidores/investidores financeiros aprimoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informação, instrução e/ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança para se tornarem mais conscientes de riscos e oportunidades financeiras, a fazer escolhas informadas, a saber onde buscar ajuda, e a tomar outras medidas efetivas para melhorar seu bem estar financeiro.

Ferreira (2017) diz que o controle é ferramenta essencial para a aplicabilidade da educação financeira, destacando como um meio no qual o indivíduo chega-se a conquista da qualidade de vida. Albuquerque Junior *et al.* (2019) concluem que a utilização de um orçamento como forma de planejamento viabiliza um bom controle da vida financeira e declaram ainda que a forma de pagamento à vista é tida como a mais vantajosa economicamente.

Oliveira *et al.* (2018) comentam que os brasileiros são expostos ao gerenciamento dos recursos sem a devida preparação pois a aplicação de estudos voltados para área financeira no país é deficitária e que ela deveria se iniciar na base familiar da qual não repassa esse

aprendizado pois provavelmente não foi recebido e assim conseqüentemente se perpetuando, o que resulta nos altos índices de endividamento do país.

Nos cursos de graduação das áreas de Economia, Administração e Contabilidade se ressalta a importância da aplicação desses conhecimentos através das instituições de ensino onde a sua participação amplia a percepção sobre finanças, poupança e planejamento financeiro pessoal. (LIZOTE *et al.*, 2016) Marques, Takamatsu e Avelino (2018) mencionando o grande envolvimento dos alunos com os produtos financeiros oferecidos pelos bancos e como a sociedade está imersa ao seu uso, os autores concluem que se espera que os discentes dos cursos da área de negócios tenham maior conhecimento diante a inclusão de disciplinas voltadas para finanças na sua grade curricular.

Miranda, Leal e Araújo (2017, p.5) mencionando que “As instituições de ensino superior do país podem fazer parte desse aprendizado e acrescentar sua parcela na formação de jovens mais preparados” indicando que a influência da educação financeira não afeta o indivíduo somente de forma individualizada, chega-se também a refletir no coletivo, com os baixos níveis de poupança e investimento internos no país que em seu uso propiciam uma segurança futura e aumento de rendimento, além de atingir o contexto social, provocando interferências no emocional que refletem nas escolhas e ações realizadas.

2.2 GESTÃO DE CRÉDITO

De acordo com Silva (2021, p.405) “O conceito de crédito consiste em ceder recursos para o fornecedor, permitindo um retardo no pagamento de determinado produto ou serviço” e que Lizote *et al.* (2016) diz que a sua concessão instiga o desenvolvimento da economia onde se tem a elevação do poder de compra da população gerando mais produção e consumo e conseqüentemente aumentando a geração de novos empregos.

Porém, para Miranda, Leal e Araújo (2017) é importante o planejamento financeiro, sobretudo em situações em que a economia sofre diversas variações e interferências externas e que Lana *et al.* (2011) ressaltam a época da hiperinflação no Brasil, onde se tinha a diminuição do poder de aquisição, de modo que o que se ganhava era rapidamente gasto devido à desvalorização da moeda, coincidindo ao mesmo tempo com o aumento de concessão de crédito nas últimas décadas que acarretou o impulso de hábitos de consumo no país.

Costa, Souza e Amaral (2021) concluem que mesmo depois da intercessão do governo com a aplicação de medidas didáticas como ENEF ainda se vê o despreparo do brasileiro diante da utilização do crédito concedido, onde muito dos gastos são direcionados a coisas desnecessárias em função de aparências que a sociedade evidencia como positivo, principalmente depois da explosão das redes sociais que fomentam ainda mais esse tipo de consumo, ressaltando o marketing adotado pela mídia sobre o parcelamento em valores atrativos que em casos escondem os juros envolvidos nessas transações.

Schmitz, Piovesan e Braum (2021) explicam que diante a falta de conhecimentos dos diversos tipos de produtos financeiros, as pessoas acabam caindo em opções desvantajosas que incidem maiores taxas de juros, sendo mais um fator que leva os brasileiros ao status de endividado, além disso Lizote *et al.* (2016) acrescenta que a má gestão de crédito não só acarreta o endividamento como impede a criação de uma poupança ou investimento que em situações posteriores que podem ser essenciais.

Pereira *et al.* (2020, p.1) diz que “O acesso ao crédito no Brasil não veio acompanhado de educação financeira, ocasionando um crescente grau de endividamento e inadimplência” e que na visão de Miranda, Leal e Araújo (2017) a população jovem está usufruindo cada vez

mais rápido do uso de produtos financeiros como cartões de crédito e crediários que por sua vez não tem o devido conhecimento e habilidade quanto a utilização desses métodos.

Lizote *et al.* (2018) concluem que essa lacuna no desenvolvimento de práticas financeiras além de possibilitar maior tendência ao endividamento impede a melhor gestão dos recursos de forma que os efeitos não ficam só no campo econômico dos indivíduos, trazendo também consequências emocionais e de convivência. Silva (2021) acredita que discursões sobre assuntos financeiros devam ser pautados com os integrantes da família pois a sua falta pode acarretar em crises familiares.

Buaes (2015) fala que diante a grande oferta de crédito atrelado ao consumismo, o próprio indivíduo se hesita em questionar suas possibilidades ou ter um delineamento financeiro, ele salienta em seu estudo a prática do mercado em oferecer produtos financeiros em que muitas vezes não se faz necessário para indivíduo, sendo a população idosa a mais procurada pelos bancos, em razão de muitos terem algum benefício ou aposentadoria, o que torna o idoso, em muitas famílias, o principal provedor de recursos financeiros.

É possível perceber a carência da população brasileira sobre conhecimentos quanto a utilização do crédito disponibilizado, de modo que esses métodos deveriam ser uma forma de maior obtenção de recursos, de forma positiva, porém se vê deficiência desses conceitos na base familiar do cidadão que já advém sem essas práticas e que numa possível amenização deveria ser impulsionada pelas instituições de ensino, onde políticas governamentais devessem ser mais ativas nessa ação.

2.3 GESTÃO DE ATIVOS

De acordo com Lizote e Verdinelli (2014) a execução de um bom planejamento gera ao indivíduo a capacidade de acumulo reservas que em momentos de dificuldade podem trazer suporte a situação atual e/ou a longo prazo, podendo também o mesmo expandir essas reservas em formas de investimento que aumentem seus recursos, de modo que quanto mais cedo for inserido esses hábitos no cotidiano mais cedo obterá equilíbrio financeiro.

Silva, Silva Neto e Araújo (2017) fizeram estudos com servidores públicos da Justiça Federal da Paraíba, que quando indagados sobre investimentos verificou-se o perfil conservador dos respondentes, atribuindo a esse resultado uma possível falta de educação financeira, no qual ouve uma grande propensão da escolha pela poupança porém sendo deixado de lado os títulos públicos, que são outra opção de baixo risco de investimento, no qual demonstra a falta de diversificação.

Pereira e Lucena (2014) enfatizam na sua obra que os discentes de contabilidade iniciam o curso sem a compreensão da diversificação de investimentos existentes e com o passar dos períodos vão se aprimorando esses conhecimentos diante da inserção de disciplinas financeiras no curso, tendo como resultado em suas pesquisas que a maioria da amostra afirma ter domínio sobre o assunto.

Já nos estudos de Amorim *et al.* (2018) foi constatado um resultado positivo quanto a participação de estudantes universitários da área de negócios da Universidade do Estado da Paraíba no mercado de capitais brasileiro, porém os autores salientam que é necessário dar ênfase nos estudos quanto a educação financeira e mercado de capitais e ainda incentiva a produção literária indicando auxilio no desenvolvimento econômico do País.

2.4 ESTUDOS ANTERIORES

No estudo de Correia, Lucena e Gadelha (2015) foi pesquisado o nível de educação financeira dos estudantes de ensino superior de João pessoa dos cursos de Ciências Contábeis

onde foi constatado que o grau de instrução das mães dos discentes contribuem em uma melhor formação dos filhos na gestão das finanças pessoais, trazendo também como resultado a preferência à estabilidade da poupança ao risco dos financiamentos, se preocupando com quesitos como qualidade e custos.

Oliveira *et al.* (2018) buscaram analisar o nível de conhecimento sobre finanças pessoais e educação financeira de universitários de uma instituição de ensino privado, que obteve como resultados de modo geral baixo nível de práticas voltadas para finanças pessoais e utilização de produtos financeiros, não se excluindo os discentes dos cursos da área financeira e que na sua auto avaliação sobre o tema se manifestam ter razoável conhecimento sobre o assunto.

A proposta da pesquisa de Lizote *et al.* (2017) é de descrever o perfil financeiro dos alunos de graduação de Ciências Contábeis onde se constatou que as características pessoais e familiares não interferem consideravelmente e que os alunos que exercem atividade remunerada têm maior gozo quanto a realização de suas atividades financeiras.

Já Silva *et al.* (2017) buscaram verificar se as disciplinas ministradas no curso de ciências contábeis que abordam educação financeira ajudam a gerenciar e planejar as finanças pessoais dos acadêmicos, onde apontaram a faculdade, a família e televisão/internet como principais artifícios para essa aprendizagem e que é relevante o conhecimento obtido dentro do curso, no qual fornece métodos que podem ser aplicados no auxílio do planejamento financeiro pessoal.

Já Vieira, Francisco e Martins (2020) salientam o resultado positivo de outras pesquisas aplicadas nos cursos da área de negócios sobre a prática de atividades que auxiliam a gestão das finanças pessoais dos discentes e que conforme o decorrer do curso é apresentada as disciplinas voltadas para o assunto é visto avanço em sua aplicabilidade.

Andrade e Lucena (2015) investigaram a influência de fatores emocionais e a educação financeira com alunos de engenharia e contabilidade para aplicação nas finanças pessoais, onde se concluiu que quesitos como inveja e estética são elementos que influenciam a maneira de consumo, tendo também os discentes deficiência em conhecimentos financeiros, de modo que a pesquisa indica que os entrevistados são mais atenciosos na forma como gastam o seu dinheiro do que faze-lo multiplicar.

Miranda, Leal e Araújo (2017) buscaram analisar associações do conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários de cursos na área de negócios (Ciências Contábeis, Administração e Economia) onde constataram que não há diferenças significativas quanto a compreensão do tema, ressaltando que a média dos resultados não foi satisfatória devido vincular-se aos estudantes da área de negócios maiores conhecimentos econômicos e financeiros.

3 METODOLOGIA

Com relação aos procedimentos metodológicos o presente estudo tem caráter descritivo que teve por objetivo fazer a análise dos dados obtidos, onde se buscou ver a relação das principais características individuais com os níveis de educação financeira dos alunos da área de negócios da UERN, concluindo Vieira (2002) que por meio da pesquisa descritiva pode-se obter informações das quais produzam esclarecimentos quanto a determinado evento observado.

Já em relação as técnicas utilizadas, foi realizada coleta de dados por meio da pesquisa de campo que Gonçalves (2001) explica que para se ter uma pesquisa de campo o pesquisador tem que ir de encontro com a população que deseja pesquisar, e assim foi realizado a aplicação de um questionário online com perguntas de perfil socioeconômico e assertivas adaptadas a partir do modelo Halpern (2003) que foram separadas por seções e aplicadas através do google forms.

O presente estudo tem uma abordagem quantitativa onde Souza, Driessnack e Mendes (2007, p. 503) concluem que a “Pesquisa quantitativa envolve a análise dos números para a obtenção da resposta à pergunta ou hipótese da pesquisa” e Diehl (2004) acrescenta que na pesquisa quantitativa a mensuração de dados se dá através de procedimentos estatísticos nos quais se transformam em informações que auxiliam na resposta ao questionamento.

A pesquisa realizou-se com discentes dos Cursos de Ciências Contábeis, Administração e Economia de uma instituição de ensino superior pública localizada na cidade de Mossoró/RN no mês de Maio de 2021 para verificar e analisar as principais características individuais dos discentes sobre educação financeira.

O estudo foi realizado com alunos do 7º, 8º, 9º e 10º período dos cursos da área de negócios da FACEM - UERN, no qual a escolha da amostra se justifica por já terem integralizado mais de 50% da carga horária estabelecida pelos cursos, tendo passado pelas disciplinas iniciais que abordam conteúdos como finanças, matemática financeira, entre outras, de modo que fazem um total de 25 discentes matriculados regularmente.

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário fechado baseado nos estudo de Miranda, Leal e Araújo (2017) que aplicou o Modelo Halpern (2003) onde foi adaptado e dividido em quatro seguimentos, no qual o primeiro bloco foi realizado perguntas sobre características individuais dos respondentes, e os demais foram colocados em situação de decisão, utilizando como método de concordância de 1 a 5 a escala Likert e abordados os constructos educação financeira, gestão de crédito e gestão de ativo, onde a pesquisa foi coletada com os discentes por meio das salas online do Google Classroom.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A amostra deste estudo é composta por 25 alunos da UERN dos cursos de Ciências Contábeis, Administração e Economia, componentes do 7º, 8º, 9º e 10º período, onde foi aplicado o questionário adaptado a partir do modelo Halpern (2003) em que o autor diz que as finanças pessoais devem relacionar conhecimento e gestão sobre três constructos básicos: Educação financeira, Gestão de Crédito e Gestão de Ativos, sendo esse modelo também aplicado nas pesquisas de Lana *et al.* (2011), Lizote e Verdinelli (2014), Lizote *et al.* (2016), Miranda, Leal e Araújo (2017) e Silva (2021) que se basearam e adaptaram o questionário a proposta de cada estudo.

O primeiro bloco é composto por perguntas para análise do perfil socioeconômico dos participantes, já o segundo bloco foi feito observação diante das escolhas que se classificavam em escalas de importância, tendo por opções: 1-Concordo totalmente; 2-Concordo parcialmente; 3-Nem concordo nem discordo; 4-Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente, obtendo assim dados sobre comportamentos financeiros dos alunos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

Tabela 1 – Caracterização dos Respondentes

Idade		Sexo	
Até 19 anos	0%	Feminino	68%
De 20 a 29 anos	56%	Masculino	32%
De 30 a 39 anos	36%		
De 40 a 55 anos	8%	Curso	
Acima de 55 anos	0%	Ciências Contábeis	84%
		Administração	12%
		Economia	4%
Renda Pessoal		Período Matriculado	
Até R\$ 1.000,00	20%		
De R\$ 1.001,00 até R\$ 3.500,00	40%		

Acima de R\$ 3.500,00	12%	7º Período	44%
Não tem renda	28%	8º Período	16%
		9º Período	16%
		10º Período	24%
Trabalha			
Sim	60%		
Não	40%		
Formação Anterior			
Somente em escola pública	60%		
Somente em escola privada	20%		
Ambos	20%		
Reside			
		Sozinho	0%
		Com familiares	72%
		Com amigos/ parentes	4%
		Com cônjuge	24%
		Outros	0%

Verificou-se que a maioria dos respondentes tem ente 20 e 29 anos e exercem algum trabalho laboral, tendo renda entre R\$ 1.001,00 e R\$ 3.500,00, o que corrobora com os trabalhos de Lana *et al.* (2011), Lizote e Verdinelli (2014), e Miranda, Leal e Araújo (2017) mostrando que os jovens veem conciliando o seu tempo e dedicação no seu desempenho profissional com os estudos e que nas pesquisas de Lizote *et al.* (2016) apontou que alunos que recebem remunerações tem melhores resultados diante de situações financeiras.

A pesquisa que teve por amostra 25 respondentes, obtendo 60% da participação feminina (17 respondentes) e 40% do público masculino (8 respondentes), de modo que esse resultado corresponde com as pesquisas de Lizote e Verdinelli (2014), Lizote *et al.* (2016), e Silva (2021), sendo a participação do sexo feminino predominante, onde os estudos foram aplicados em cursos de ensino superior voltados para temática de gerencia e finanças, o que indica maior inserção do público feminino em área acadêmica e de negócios.

Quanto a participação dos cursos obteve-se maior resposta de alunos do Curso de Ciências Contábeis (21 respostas) seguido de Administração (3 respostas) e por fim Economia (1 resposta). Nos estudos de Miranda, Leal e Araújo (2017), em relação aos cursos, a presença dos alunos foi equilibrada, não só entre os cursos como também entre os diferentes períodos, sendo o 7º período com a maior participação, e Lizote e Verdinelli (2014) constataram que quanto mais avançados os períodos, obtém-se melhores resultados de práticas financeiras.

Constatou-se também que a formação anterior da maioria dos respondentes advém de escolas públicas e que residem com os familiares e cônjuges, o que coincide com a apuração apresentada nos trabalhos de Lizote e Verdinelli (2014), Lizote *et al.* (2016) e Miranda, Leal e Araújo (2017), observado também os resultados de Correira, Lucena e Gadelha (2015) que apontam um maior rendimento dos respondentes sobre educação financeira quando associado ao nível de escolaridade das mães, de modo que quanto maior instrução da genitora melhor o rendimento financeiro dos filhos.

4.2 ANÁLISE DESCRITIVA

Tabela 1 – Educação financeira

Educação Financeira	Concordo Totalmente		Concordo Parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Discordo Parcialmente		Discordo Totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Tenho anotado o controle de minhas finanças.	9	36%	3	12%	7	28%	4	16%	2	8%
Costumo fazer compras à vista.	5	20%	7	28%	6	24%	5	20%	2	8%
Cuido para nunca gastar mais do que ganho.	10	40%	5	20%	3	12%	4	16%	2	12%

Tenho uma reserva para eventuais problemas.	6	24%	3	12%	6	24%	5	20%	5	20%
Costumo ler sobre assuntos relacionados ao tema.	3	12%	6	24%	11	44%	3	12%	2	8%
Faço planejamento pessoal para longo prazo.	4	16%	6	24%	5	20%	5	20%	5	20%
Converso sobre finanças com minha família e amigos.	9	36%	16	16%	9	36%	1	4%	2	8%
MÉDIA DAS RESPOSTAS	6,57	0,26	6,57	0,19	6,71	0,27	3,86	0,15	2,86	0,12

Em média os resultados sobre práticas de educação financeira dos acadêmicos são positivos, mostrando que há uma certa tendência de concordância ao exercício de atividades que contribuem para a organização das finanças pessoais dos estudantes, resultando na média 6,57 de alunos que concordam totalmente ou parcialmente com as práticas o que corrobora com a pesquisa de Miranda, Leal e Araújo (2017) que avaliaram Estudantes de Ciências Contábeis, Administração e Economia e indicaram ter um otimismo quanto a realização dessas atividades, destacando o curso de Economia com o melhor rendimento.

Coloca-se em destaque as afirmativas “Cuido para nunca gastar mais do que ganho” que obteve expressivo número de respostas indicando preocupação dos discentes quanto a aquisição de dívidas e a assertiva “costumo ler sobre assuntos relacionados ao tema”, obtendo-se resultado mediano quanto a esse hábito, de modo que percebe-se que ainda deixa a desejar a inserção do conhecimento financeiro na vida do aluno.

Silva (2021) analisou estudantes de Ciências Contábeis afirmando ser insuficiente a busca desse conhecimento pelos alunos, salientando esperar maior interesse deles diante o curso ser voltado para área de finanças e que na produção acadêmica de Andrade e Lucena (2018) concluíram que os alunos são conscientes sobre a importância da educação financeira e os benefícios advindos do seu exercício, contudo não buscam desenvolver esses conhecimentos trazendo para vida pessoal.

Também é possível observar essa mesma falta de interesse dos acadêmicos quando analisado a assertiva “Tenho planejamento pessoal para longo prazo” pois somente 16% dos pesquisados concordam totalmente, de modo que é possível inferir que não há planejamento para realização de metas dos discentes podendo sinalizar falta de objetivos e que Costa, Sousa e Amaral (2021) dizem ser fundamental refletir nos benefícios que o planejamento traz a longo prazo.

Outro fator interessante é dado a partir da assertiva “Converso sobre finanças com minha família e amigos” que apresentou 36% de concordância total em relação aos discentes, onde na pesquisa foi apresentado que nenhum discente mora sozinho, indicando um baixo percentual de abordagem entre os integrantes, sendo assuntos essenciais na família, que na pesquisa de Correia, Lucena e Gadelha (2015) constataram em sua obra que as mães dos discentes que obtinham maior grau de instrução acadêmica, instruíam melhor seus filhos.

Tabela 2 – Gestão de Crédito

Gestão de Crédito	Concordo totalmente		Concordo parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Discordo parcialmente		Discordo totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Tenho financiamentos/em préstimos a pagar em 12 meses.	4	16%	4	16%	0	0%	1	4%	16	64%

Já tive meu nome incluído no Serviço de Proteção ao Crédito.	6	24%	1	4%	2	8%	1	4%	15	60%
Consigo controlar minhas dívidas, conforme minha renda.	7	28%	8	32%	6	24%	2	8%	2	8%
Já comprometi meu 13º salário (caso tenha esse benefício) deste ano em pagamento em dívidas	3	12%	1	4%	1	4%	0	0%	20	80%
Utilizo opções de crédito como cartão de crédito/ talão de cheques.	6	24%	4	16%	5	20%	3	12%	7	28%
Não utilizo o pagamento da parcela mínima do cartão de crédito.	17	68%	2	8%	1	4%	2	8%	3	12%
Possuo empréstimos e/ou financiamentos	4	16%	4	16%	0	0%	1	4%	16	64%
Quando me endivido, renegocio minhas dívidas o mais cedo possível	8	32%	5	20%	6	24%	2	8%	4	16%
MÉDIA DAS RESPOSTAS	6,88	0,28	3,63	0,15	2,63	0,11	1,50	0,06	10,38	0,42

Conforme exposto, obtemos um percentual de 64% de alunos que afirmaram não ter financiamento a pagar em 12 meses, sendo ainda maior o percentual quando analisado as afirmativas sobre comprometimento do 13º salário e possuir empréstimos e financiamentos correspondendo respectivamente a 80% e 64%, de modo que se percebe a ponderação quanto a utilização de crédito de curto e longo prazo dos respondentes.

Na pesquisa de Correia, Lucena e Gadelha (2015) foi apresentada uma situação hipotética envolvendo a compra de um veículo se utilizando como forma de pagamento o financiamento ou poupança para adquiri-lo a vista em momento oportuno, onde os resultados mostraram a que os respondentes acreditam que a compra por financiamento se torna desvantajosa em virtude de não assumir dívidas de logo prazo e realizar compra em valor menor.

Também foi visto que 60% dos discentes discordaram totalmente em já ter tido o nome incluso no serviço de proteção ao crédito, porém, quando analisado a assertiva “Consigo controlar minhas dívidas conforme minha renda” a opinião dos alunos ficou balanceada, o que demonstra o certo conflito de ideias, visto que somente 24% concordaram totalmente com a prática, onde observações feitas no estudo de Lana *et al.* (2011) constataram resultado diferente, demonstrando tendência ao endividamento dos discentes, apontando que quanto maior a idade, maiores são as chances de inadimplência.

A opinião também foi dividida quando analisado a assertiva “utilizo opções de crédito como cartão de crédito/talão de cheques” mostrando que 28% dos entrevistados dizem discordar totalmente quanto ao uso de concessão de crédito e esse resultado pode também estar vinculado aos 68% dos respondentes que afirmaram não utilizar a parcela mínima do cartão de crédito, possivelmente por não se fazer uso desse artifício, o que se assemelham aos resultados encontrados por Marques, Takamatsu e Avelino (2018) que fizeram um estudo com estudantes de Ciências Contábeis e apontaram que os que aqueles que te maiores rendimentos tendem a não utilização de crédito, contudo indicaram ser altamente adeptos a procedimentos bancários.

Tabela 3 – Gestão de ativo

Gestão de Ativo	Concordo Totalmente		Concordo Parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Discordo Parcialmente		Discordo Totalmente	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Possuo um capital investido em previdência privada.	2	8%	0	0%	0	0%	2	8%	21	84%
Possuo capital investido em fundos de investimento.	0	0%	3	12%	1	4%	1	4%	20	80%
Tenho conhecimento sobre investimentos e previdências privadas.	2	8%	7	28%	6	24%	5	20%	5	20%
Possuo Capital disponível para investir.	1	4%	4	16%	5	20%	0	0%	15	60%
Costumo ler e me informar sobre investimentos financeiros.	4	16%	5	20%	9	36%	4	16%	3	12%
Já adquiri bens resultantes de algum investimento financeiro.	3	12%	2	8%	4	16%	1	4%	15	60%
MÉDIA DAS RESPOSTAS	2,00	0,08	3,50	0,14	4,17	0,17	2,17	0,09	13,17	0,53

A pesquisa mostra que 60% dos acadêmicos dizem ter capital para investir, porém quando questionados sobre possuir investimento em previdência privada e fundo de investimento os percentuais são elevados em discordância, obtendo-se 84% e 80% das respostas analisadas, onde pode supor um bloqueio quanto a esses meios de investimento, talvez optando por escolhas mais conservadoras como mostrado na pesquisa de Silva, Silva Neto e Araújo (2017) que indicaram nas amostras um perfil de investidores conservadores que não ampliam suas opções por falta de domínio sobre o assunto.

Esse resultado também se alinha quanto a pratica dos investimentos verificados na tabela acima que pode ser consequência da falta de conhecimento dos pesquisados, que quando questionados sobre o grau de conhecimento de investimentos e previdência, a pesquisa apontou somente um total de 8% que concordam totalmente com a assertiva e 16% dizem desenvolver leitura relacionado aos investimentos citados, estando também de acordo com os resultados de Silva (2021) que constatou baixo percentual de aplicações em investimentos e destaca a propensão a isso se dá entre jovens com até 25 anos.

É expressivo a porcentagem que discordou quanto a obtenção de bens em algum tipo de investimento que se assemelha as pesquisas de Miranda, Leal e Araújo (2017) que concluem em seus estudos um nível de dificuldade dos alunos na utilização de investimentos para expansão da renda e que vai de encontro com o trabalho de Vieira, Francisco e Martins (2020) foi aplicado questionário com contadores onde foi constatado o interesse maior em juntar dinheiro na poupança para investimento em bem de valor superior posteriormente.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objetivo evidenciar as principais características individuais dos discentes e se existe relação da percepção sobre educação financeira dos alunos das áreas de negócios da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) do Campus Central nos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração, expondo principais análises das decisões financeiras, que foi analisado a partir da aplicação de um questionário baseado e adaptado do modelo Halpern (2003) que também foi utilizado nos estudos de Lana *et al.* (2011), Lizote e Verdinelli (2014), Lizote *et al.* (2016), Miranda, Leal e Araújo (2017) e Silva (2021).

A pesquisa obteve em sua composição uma maioria feminina, representada por 60% dos respondentes que estão entre idades de 20 a 29 anos, sendo considerada uma amostra jovem e que apresentou tendência a prática do trabalho laboral concomitante com os estudos, visto também que grande parte dos entrevistados reside com familiares ou cônjuges e tem formação anterior em escolas públicas.

Quando analisado o constructo Educação financeira, os resultados foram favoráveis diante de prática de organização de finanças, contudo deixa a desejar o interesse dos acadêmicos quanto o hábito da leitura sobre assuntos relacionados ao tema. Na gestão de crédito o resultado também é satisfatório demonstrando preocupação dos respondentes em não contrair dívidas, constatando não terem compromissos financeiros a pagar de curto e longo prazo, indicando nunca ter tido o nome incluso em sistemas de proteção de crédito, onde 24% dos analisados discordaram em fazer uso de opções de crédito como cartões de crédito e talões de cheque.

Já na Gestão de ativos, o resultados em geral deixam a desejar, constatando um impasse dos alunos quanto a investimentos, indicando uma barreira nessa prática devido à falta de conhecimentos desse tema, demonstrando pouco interesse do aluno nessa procura e um perfil conservador diante a expansão de renda, pois na pesquisa 60% da amostra afirmaram ter capital para investimento.

Os resultados obtidos em relação a ações e práticas de maneira geral são bons, contudo nota-se a dispersão dos alunos quanto a busca por conhecimentos financeiros e que Vieira, Francisco e Martins (2020) dizem ser de extrema importância incorporar nas grades curriculares de ensino práticas que desenvolvam o conhecimento financeiro do aluno, o que se convém dizer que se faz necessário diante das graduações serem voltadas para área de negócios e que não afetam somente a área acadêmica e profissional, voltando-se também para o cotidiano do discente e que em massa atinge o contexto social.

A principais limitações do estudo foi quanto a participação dos discentes ao responder o questionário, tenho uma amostra pequena em relação a quantidade de alunos matriculados nos cursos da área de negócios, onde foi requisitado o pedido de preenchimento da pesquisa nos e-mails dos discentes, enviados com a ajuda dos departamentos de cada curso e os professores a eles pertencentes, que chegou-se ao número de 25 questionários preenchidos, tendo somente a participação de um aluno do curso de Economia.

A sugestão dada a próximas pesquisas é que se faça a comparação entre os cursos de qual tem melhor rendimento ao discentes, procurando evidenciar a participação das instituições de ensino superior nesse processo, tendo também a possibilidade de incorporar outros cursos de outras áreas nas produções acadêmicas, enriquecendo a literatura quanto aos temas de finanças pessoais e educação financeira.

REFERENCIAS

ANDRADE, Jefferson Pereira; LUCENA, WGLL. Educação Financeira: uma análise de grupos acadêmicos. **Economia e Gestão**, v. 18, n. 49, 2018.

BRASIL. BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de Educação Financeira Gestão de Finanças Pessoais**. 2013. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 09 out. 2020.

BRASIL. Brasil. Ministério da Educação. **Conferências sobre educação financeira acontecerão em maio**. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35996>. Acesso em: 28 set. 2020.

BUAES, Caroline Stumpf. Educação financeira com idosos em um contexto popular. **Educação & Realidade**, v. 40, n. 1, p. 105-127, 2015.

CAMPOS, Celso Ribeiro et al. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUAS INTERFACES COM A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E A EDUCAÇÃO CRÍTICA REFLECTIONS ON FINANCIAL EDUCATION AND THE INTERFACE WITH MATH EDUCATION AND CRITICAL EDUCATION. **Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, v. 17, n. 3, p. 556-577, 2015.

CENTRO OCDE/CVM DE EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE. **Recomendação sobre os Princípios e as Boas Práticas de Educação e Conscientização Financeira**: recomendação do conselho da organização para a cooperação e desenvolvimento económico. RECOMENDAÇÃO DO CONSELHO DA ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO. 2005. Disponível em: [https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/\[PT\]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf](https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/[PT]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf). Acesso em: 14 out. 2020.

CORREIA, Thamirys; LUCENA, Wenner Glaucio Lopes; GADELHA, Kalyne Amaral Di Lorenzo. A Educação Financeira como um diferencial nas decisões de consumo e investimento dos estudantes do curso de Ciências Contábeis na grande João Pessoa. **Revista de Contabilidade da UFBA**, v. 9, n. 3, 2015.

COSTA, Emilso Alves de Queiroz; SOUZA, Diego Silva; AMARAL, Igor da Silva. GESTÃO DAS FINANÇAS PESSOAIS: UMA VIDA ECONOMICAMENTE CORRETA. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE**, v. 6, n. 3, p. 71-71, 2021.

DA SILVA, Jucyara Gomes; NETO, Odilon Saturnino Silva; DA CUNHA ARAÚJO, Rebeca Cordeiro. Educação financeira de servidores públicos: hábitos de consumo, investimento e percepção de risco. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v. 5, n. 2, p. 104-120, 2017.

DE AMORIM, Klerton Andrade Freitas et al. A influência da educação financeira na inserção dos investidores no mercado de capitais brasileiro: um estudo com discentes da área de negócios. **Race: revista de administração, contabilidade e economia**, v. 17, n. 2, p. 567-590, 2018.

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FELIPE, Fany Muriell Pereira; OLIVEIRA, Tatiane Pereira; BOTINHA, Reiner Alves. Educação Financeira: um Mapeamento das Discussões nos Ambientes Acadêmicos de Ciências Contábeis no Horizonte Temporal de 2005 a 2014. **RAGC**, v. 4, n. 13, 2016.

GADELHA, Kalyne Amaral Di Lorenzo; LUCENA, Wenner Glaucio Lopes; CORREIA, Thamirys de Sousa. Decisões financeiras x formação acadêmica: uma contribuição com base na educação financeira. **Revista de administração e negócios da Amazônia**, v. 7, n. 1, p. 42-63, 2015.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

HALPERN, Mauro. *Gestão de Investimentos*. São Paulo: Saint Paul Institute of Finance, 2003.

LEAL, DTB; MELO, Sheila. A contribuição da educação financeira para a formação de investidores. In: **2º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças & Iniciação Científica em Contabilidade**. Florianópolis. 2008.

LIZOTE, Suzete Antonieta et al. Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista da UNIFEPE**, v. 1, n. 19, p. 71-85, 2017.

MIRANDA, Rhayane Aparecida Ferreira; LEAL, Edvalda Araújo; ARAÚJO, Tamires Sousa. Finanças pessoais: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças e as características dos estudantes universitários da área de negócios. In: **CONGRESSO ANPCONT**. 2017. p. 1-20, 2017.

OLIVEIRA, Daniela Camasso et al. Educação Financeira: um estudo sobre a relevância e conhecimento dos universitários. **Revista Gestão Empresarial-RGE**, v. 3, n. 2, p. 1-16, 2018.

RONEI MENDES, Pereira et al. CRÉDITO CONSIGNADO E ENDIVIDAMENTO DOS SEVIDORES DO DISTRITO FEDERAL. **Revista Razão Contábil & Finanças**, v. 11, n. 2, 2020.

SANTOS, Anne Carolina et al. Finanças pessoais: um estudo com acadêmicos sob a abordagem da teoria da contabilidade mental. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, v. 24, n. 1, p. 90-111, 2019.

SCHMITZ, Leonardo Rafael; PIOVESAN, Jaine Ionara; DOS SANTOS BRAUM, Loreni Maria. Finanças pessoais: percepções sobre a alfabetização financeira e o bem-estar financeiro. **Brazilian Journal of Business**, v. 3, n. 1, p. 724-746, 2021.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CREDITO (Brasil) (org.). **ÍNDICES ECONÔMICOS**: em abril de 2020, o número de inadimplentes do Brasil cresceu 2,91% em relação ao mesmo período em 2019.. Em abril de 2020, o número de inadimplentes do Brasil cresceu 2,91% em relação ao mesmo período em 2019.. 2020. Disponível em: <https://www.spcebrasil.org.br/pesquisas/indice/7308>. Acesso em: 27 set. 2020

SILVA, Guilherme et al. Alfabetização financeira versus educação financeira: um estudo do comportamento de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 7, n. 3, p. 279-298, 2017.

SOUSA, Valmi D.; DRIESSNACK, Martha; MENDES, Isabel Amélia Costa. Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem. Parte 1: desenhos de pesquisa quantitativa. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 502-507, 2007.

VIEIRA, Bruno Jeremias; FRANCISCO, Diogo Medeiros; MARTINS, Zilton Bartolomeu.
FINANÇAS PESSOAIS: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS CONTÁBEIS DO
ESTADO DE SANTA CATARINA. **Revista Razão Contábil & Finanças**, v. 11, n. 1, 2020.